

IV

EMOAFETIVIDADE E COGNIÇÃO

Maria da Conceição Araújo Carneiro⁷

RESUMO

Este trabalho se refere a uma pesquisa que busca analisar a relação entre emoção, afetividade e o processo de ensino e aprendizagem, sinalizando a relevância e o impacto da dimensão emocional no desenvolvimento cognitivo do educando. Este é um estudo teórico de cunho bibliográfico, que tem como suporte referencial leituras na área da psicologia, educação e neurociência, cujo objetivo é conduzir a uma reflexão acerca da importância da afetividade e das emoções no processo de ensino e aprendizagem a considerar que o aluno é um ser cheio de sentimentos que precisam se aflorar junto com a cognição. Os teóricos Moscovici, 2004, Goleman (2001), Gottman, 2001, Antunes (2000), José e Coelho (2002), Cosenza e Guerra (2011), Pinto (2004), Branden (2000), Arantes (2000), Wallon (1979), deixam entrever a indissociabilidade entre os aspectos cognitivos, emocionais e afetivos no processo de ensino-aprendizagem. Em virtude disso é que se defende a utilização de práticas pedagógicas baseadas na dimensão emocional porque o processo educacional é também um processo afetivo.

Palavras-chave: Emoção. Afetividade. Cognição. Educação.

ABSTRACT

This work refers to a research that sought to analyze the relationship between emotion, affectivity and the teaching and learning process, signaling the relevance and impact of the emotional dimension in the cognitive development of the student. This is a theoretical study of a bibliographic nature, which has as a reference support reading in the area of psychology, education and neuroscience, whose objective is to lead a reflection on the importance of affectivity and emotions in the teaching-learning process and consider that the student it is a being full of feelings that need to emerge together with cognition. The consulted theorists reveal the inseparability between cognitive, emotional and affective aspects in the teaching-learning process. As a result, it is advocated the use of pedagogical practices based on the emotional dimension because the educational process is also an affective process.

Keywords: Emotion. Affectivity. Cognition. Education.

⁷ Doutora em Educação pela Universidad de la Integración de las Américas – Paraguai. Docente dos cursos de Direito, Engenharia Civil e Arquitetura na UniFTC. E-mail: conceicao_carneiro@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5585-4025>

1. INTRODUÇÃO

A educação formal ao longo da história enfatizou e infelizmente ainda supervaloriza o desenvolvimento intelectual sem se preocupar com o cultivo das qualidades humanas. Entretanto, educar não é apenas mediar informações, mas também é o legado cultural de forma afetiva e emocional, acumulado historicamente pela humanidade. As crianças e os jovens são seres em desenvolvimento e a forma como são tratados influenciará a sua vida futura. Gandhi apud Mesquita (2003, p. 16) afirma que “*educar é extrair o melhor da criança em corpo, mente e espírito*”.

Como a proposta da educação para o século XXI é a de formar um cidadão holístico, que saiba dialogar, respeitar, ser tolerante e que tenha uma sólida base socioemocional, sem perder de vista o lado prático e também racional, o amor, atenção, emoção e afeto na sala de aula nunca é demais. O desamor e a falta de afeto produzem pessoas amargas, insatisfeitas com a vida, sem estímulo nenhum. O grande número de evasões e repetência nas escolas pode ter como uma de suas causas a carência afetiva e emocional que gera a falta de motivação e o desestímulo nos alunos.

Acredita-se que o equilíbrio das relações humanas é sem dúvida o caminho do afeto, só ele é capaz de quebrar a rigidez da desesperança, da falta de compromisso, do cinismo profissional e do individualismo. Portanto, um olhar para dimensão emoafetiva para com a educação é o caminho mais seguro e preciso para transformar o aluno, respeitando sua complexidade. Cabe aqui explicitar a nomenclatura emoafetividade, neologismo formado pela junção das palavras emoção e afeto.

O ensino frio e formal, no qual o aluno é visto apenas como uma peça do sistema e não como uma pessoa com anseios e sentimentos, afeta a aprendizagem. Eis a inquietação que fez gerar o presente artigo. A proposta é fazer emergir questões referentes à emoafetividade na educação para despertar no educador a simpatia por novas práticas pedagógicas, novas metodologias de ensino, baseadas em uma relação emoafetiva entre ele e o aluno, tema hoje emergente contemplado nas competências socioemocionais da Base Nacional Comum Curricular.

2. EMOÇÃO E AFETO

Affectur (afetar, tocar) é uma palavra do latim que deu origem ao termo afeto. Nos dicionários, afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos que manifestam sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, prazer, satisfação e insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza. Para Pinto (2004) a afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam através das emoções, sentimentos e paixões.

Branden (2000) define afeto como um estado psíquico ou moral, afeição, disposição de alma, estado físico, sentimento, vontade. Ele afirma ainda que o afeto decorre, via de regra, de estímulos externos ou de representações e fantasias estando, invariavelmente, dirigido a algo ou alguém. Afeto implica em uma relação dialógica, de reciprocidade, estabelecida entre o afetar e o ser afetado.

A criança, ao nascer, necessita de atenção, amor e muito carinho para se desenvolver harmoniosamente e esta necessidade continua por toda a vida, porque o afeto é fundamental para o desenvolvimento físico, psíquico, social, intelectual e cognitivo do ser humano.

Quem não gosta de ser acariciado, de ser afagado, de ser querido? Quem não gosta de sentir que alguém lhe tem amizade ou amor? A necessidade de amar e ser amado é inerente ao ser humano. Até mesmo os animais têm essa necessidade. Assim, para Pinto (2004):

Na história da humanidade, a emoção foi responsável pela agregação dos indivíduos; As emoções revelam-se como o elo entre o indivíduo e o ambiente físico, tanto quanto entre o indivíduo e outros indivíduos. Estes laços inter-individuais iniciam nos primeiros dias de vida e se fortalecem a partir das emoções, antes mesmo do raciocínio e da intenção (PINTO, 2004, p. 43).

Na era da globalização, da informática, o homem continua sendo frágil e vulnerável. “Não pode contar unicamente com seus instintos para viver, ele continua sendo dependente de outro ser humano que cuide dele, que dê afeto, proteção, segurança, o eduque para a vida, transformando-o em um ser humano” (ARANTES, 2000, p. 44).

A palavra emoção deriva do latim *movere*, mover, pôr em movimento. É modo de comunicar os nossos mais importantes estados e necessidades internas (RATEY,

2001). Já o Dicionário Online de Português(2020), assim define emoção: reação moral, psíquica ou física, geralmente causada por uma confusão de sentimentos que, diante de algum fato, situação, notícia etc., faz com que o corpo se comporte tendo em conta essa reação, expressando alterações respiratórias, circulatórias; comoção. Logo fica evidente que a escola não está fora desse contexto.

Pinto (2003) define a afetividade como sendo o conjunto de sentimentos e emoções que o homem possui em relação a ele mesmo, em relação aos outros e a Deus. Ela está ligada essencialmente às relações que ele estabelece, e portanto, é a capacidade de estabelecer laços de união profunda. Por isso ela exerce um importante papel no desenvolvimento da personalidade humana, pois define a forma como um homem se relaciona com os demais.

A vida afetiva, composta por emoções e sentimentos, compõe o homem/mulher e constitui um aspecto de fundamental importância na vida psíquica. Essas emoções e sentimentos são alimentos do psiquismo e estão presentes em todas as manifestações da vida humana. O homem/mulher necessita deles porque tornam sua vida mais atraente, orientam e ajudam nas suas decisões, facilitam a aquisição de conhecimentos.

Para Tiba (2002, p. 18) o desenvolvimento cognitivo do homem está fortemente ligado aos fatores sociais, biológicos, psicológicos e afetivos:

É preciso ter consciência que o ser humano passa por fases de desenvolvimentos em tempos individuais e que a aprendizagem acontece desde o seu nascimento até o fim de sua vida, e que este processo de aprender, envolve situações afetivas, sociais e biológicas, que devem ser conhecidas pelo ensinante para que possa encontrar subsídios nas teorias pedagógicas ou nos processos práticos para atingir o objetivo que é levar à criança a apropriação do conhecimento com liberdade de pensamento. (Tiba, 2002. p. 18)

A aprendizagem é mais proveitosa quando o aluno é conduzido a refletir e a estabelecer relações entre os aspectos afetivos e cognitivos. Deve haver sempre um entrelaçamento entre esses dois aspectos, pois as emoções são disposições corporais que vão definir as ações e a partir de um determinado estado emocional, age-se de determinado modo e não de outro. Ao ocorrer uma mudança na emoção, conseqüentemente, transforma-se a ação.

O afeto na aprendizagem é tão importante quanto a inteligência. Afeto e inteligência formam um par inseparável na evolução psíquica, pois, embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si, são interdependentes em seu desenvolvimento, permitindo à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados (WALLON, 1979).

De acordo com a teoria de Wallon (1979), a cognição e a afetividade são inseparáveis e, embora se apresentem de forma antagônica, elas se complementam. Os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação. A aprendizagem se concretiza quando o aluno se envolve ativamente no processo de produção do conhecimento, através da mobilização de suas atividades mentais e na interação com os demais. Por isso o espaço escolar precisa ser um espaço de formação e de humanização, onde a afetividade e emoção em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afetivo, emocional e o intelectual são faces de uma mesma realidade, que é o desenvolvimento do homem em todo seu potencial.

Para Cosenza e Guerra (2011) a Neurociências, que estuda o sistema nervoso central, mostra que o conhecimento sobre a Neurobiologia das emoções é extremamente relevante para o processo de aprendizagem uma vez que : 1) mobilizam recursos cognitivos existentes (principalmente atenção, percepção e memória); 2) são fenômenos que indicam a presença de algo significativo em um determinado momento; 3) determinam a escolha de ações subsequentes; 4) provocam alterações na fisiologia e nos processos mentais do organismo com o objetivo de aproximação, confronto ou afastamento de um determinado estímulo. Dessa forma fica clara a importância da dimensão emocional no contexto das práticas pedagógicas.

Para Mesquita (2003) a verdadeira sabedoria é aquela que traz felicidade. De nada vale o trabalho e a riqueza se não tornarem os homens felizes. As grandes mudanças independem de façanhas e vultosos empreendimentos. Na maioria das vezes, nascem de pequenas ações desde que permeadas de amor. É nos gestos mais simples que se pode mudar a ajudar as pessoas, levá-las a modificar suas vidas, seus pensamentos e a ultrapassarem obstáculos que pareciam intransponíveis.

Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação *Homo sapiens*, a espécie pensante, é enganosa à luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas. [...] quando se trata de moldar as decisões e ações, a emoção pesa tanto – e às vezes muito mais – quanto a razão (GOLEMAN, 2001, p. 18).

No desenvolvimento do homem/mulher existem fatores que favorecem e outros que desfavorecem a sua aprendizagem. Esses fatores são a hereditariedade, maturação, condições orgânicas, meio ambiente e principalmente o fator emocional, do qual depende em grande parte a educação humana, porque eles atuam simultaneamente no desenvolvimento intelectual.

Portanto, o desenvolvimento humano depende em grande escala do aspecto afetivo e emocional, pois como ressalta Martinelli (2001), a teoria psicogenética relata o equilíbrio do indivíduo com a satisfação em desempenhar tarefas desejadas, fazendo com que ele busque o conhecimento, acomodando-o, estruturando suas habilidades e conceitos, como sendo uma energia para o bom funcionamento da inteligência, capaz de modificar as estruturas do pensamento acelerando o desenvolvimento intelectual. Como afirma Goleman (2001)

Todas as emoções são, em essência, impulsos, legados pela evolução, para uma ação imediata, para planejamentos instantâneos. A própria raiz da palavra *emoção* é do latim *movere* – “mover” – acrescida do prefixo “e”, que denota “afastar-se”, o que indica que em qualquer emoção está implícita uma propensão para um agir imediato. (GOLEMAN, 2001, p. 20).

Piaget (1961) relata que o processo entre a aprendizagem e a afetividade está distintamente interligado, por que a inteligência age de acordo com os interesses do indivíduo, atribuindo ao aprendizado a energia, despertando a motivação.

Os domínios afetivos, cognitivos e psicomotor devem ser sempre levados em conta, por que se assim não se fizer, o desenvolvimento do ser humano será fragmentado. O homem deve ser visto sempre como um ser uno, movido principalmente pela parte afetiva, visto que as emoções estão ligadas às glândulas suprarrenais, estimulando-as para aumento da produção de adrenalina, fazendo com que aumente o ritmo respiratório e cardíaco. Essa reação no organismo humano cria um processo de liberação de glicose em alta quantidade no sangue, o que altera o metabolismo e possibilita uma maior produção de energia (JOSÉ e COELHO, 2002, p. 77).

As diferentes emoções desencadeiam diferentes tipos de respostas dentro do organismo humano. Quando o medo se instala, torrentes de hormônios são disparadas nos centros emocionais do cérebro fazendo com que a atenção se fixe na ameaça e se prepare para agir.

O sentimento da felicidade é o que mais causa alterações biológicas dentro do homem, pois a atividade do centro cerebral é incrementada, o que inibe sentimentos negativos e favorece o aumento da energia existente, silenciando aqueles que geram pensamentos de preocupação. Essa configuração dá ao corpo um total relaxamento, assim como disposição e entusiasmo para a execução de qualquer tarefa que surja e para seguir em direção a uma grande variedade de metas (GOLEMAN, 2001, p. 21).

Portanto, as emoções mobilizam todo o corpo do homem e estabelecem relações entre o seu exterior e interior. Consequentemente, o processo educativo deve harmonizar estas dimensões para promover a aprendizagem social e pessoal do ser humano (JOSÉ e COELHO, 2002).

Assim, o ato de educar o afeto é a mola que impulsiona o aprendizado. O ato de educação não pode ser visto apenas como depositar informações nem transmitir conhecimentos. Há muitas formas de transmissão de conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor, conforme afirma Chalita (2004). A educação é um processo que se dá através do relacionamento e do afeto para que possa frutificar e o aluno, como todo ser humano, precisa de afeto para se sentir valorizado. É por isso que o professor, ao realizar afetuosamente o seu trabalho, contribuirá enormemente para o desenvolvimento do aluno.

No processo educacional estão envolvidos professores e alunos e estes, carregam dentro de si experiências adquiridas no âmbito familiar: bloqueios, medos, ansiedades, e outros traumas que acabam atrapalhando o processo de aprendizagem porque geram insegurança, assegura Chalita (2004). Para conseguir que esse aluno se prontifique a assimilar os conhecimentos, o professor deve estar preparado para se aproximar da sensibilidade do aluno, deve estar preparado para educar com afeto.

Antunes (2000) relata ainda que existem várias inteligências como a inteligência lógico-matemática, a espacial, musical, pictográfica, emocional, dentre

outras. A inteligência emocional fica localizada em um determinado ponto do cérebro onde existem dois setores diferenciados, ligados entre si, de conexões de neurônios: “um setor guarda a inteligência espacial e o outro ponto é onde se processam as emoções” (ANTUNES, 2000, p. 26).

3. EDUCAÇÃO E EMOÇÃO - EMOEDUCAÇÃO

A inteligência emocional é a inteligência da autoestima e quando ela é estimulada, torna as pessoas mais aptas a aprenderem, mais dispostas a adquirirem conhecimentos. Por isso, o afeto na relação professor/aluno contribui grandemente para o desenvolvimento integral do educando. Não há método educacional mais eficiente do que aquele que é aplicado respeitando as dimensões afetivas e emocionais, tanto é que a BNCC traz a educação socioemocional como um guia de aprendizado de habilidades e atitudes fundamentais para o convívio em sociedade.

O emocional tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade e este, por sua vez, se constitui sob a alternância dos domínios funcionais. Em outras palavras, afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações: desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as diferenciadas como as emoções, os sentimentos e as paixões.

Porque, para se educar bem, o intelecto só não basta. Para se educar bem, é preciso mexer com uma dimensão da personalidade que vem sendo ignorada na maioria dos conselhos dados aos pais nos últimos trinta anos. É preciso mexer com a emoção (GOTTMAN, 2001, p. 20).

Sem dúvida a emoafetoeducação, termo que funde educação, afeto e emoção, procura conhecer nos educandos suas limitações, fragilidades, acolhendo suas necessidades e ajudando-os a superar suas dificuldades. Se for estendido ao aluno esse olhar de emoafetivo, de reconhecimento, respeito e valorização, pode-se levá-lo a se autodescobrir, a se abrir aos conhecimentos com mais facilidade.

Crianças que têm preparo emocional são fisicamente mais saudáveis e apresentam melhor desempenho acadêmico dos que as que não têm. Essas crianças se dão melhor com os amigos, têm menos problemas de comportamento e são menos propensas à violência. [...] em resumo, são mais saudáveis emocionalmente também (GOTTMAN, 2001, p. 25).

Alunos ansiosos, mal-humorados ou deprimidos não assimilam os conteúdos escolares. Os sentimentos negativos interferem na concentração, ou seja, na capacidade mental cognitiva. Os sentimentos positivos, como o prazer e o interesse, conduzem ao êxito na aprendizagem. É nesse sentido que o emocional é uma capacidade que afeta profundamente a cognição, facilitando e interferindo nela.

A ansiedade, afirma Goleman (2001), solapa o intelecto e é um previsor de que a pessoa ansiosa não conseguirá realizar a tarefa que se propõe. O aluno ansioso tem mais probabilidade de falhar na sua aprendizagem. A ansiedade interfere na clareza de raciocínio e na memória, que são fundamentais para uma aprendizagem eficaz, comprometendo todo o processo de ensino-aprendizagem.

O afeto é definido por Piaget (1961) como sendo todos os movimentos mentais conscientes e inconscientes não-rationais (razão). Afirma ainda o autor, que o afeto é a energia necessária para o desenvolvimento cognitivo. Em seus estudos, esse autor especifica que a afetividade influi na construção do conhecimento de forma essencial através da pulsão de vida e da busca pela excelência.

As emoções e os sentimentos compõem a vida afetiva do homem e esta, se constitui em um aspecto de fundamental importância na sua vida psíquica. As emoções e os sentimentos são como alimentos de psiquismo e estão presentes em todas as manifestações da vida humana. Assim:

A afetividade é uma característica pessoal inerente a todas as pessoas e presente em qualquer relação interpessoal. É o tipo de afetividade existente num relacionamento que define a natureza da relação: se é amistosa e de simpatias recíprocas, ou se é de antipatia e de antagonismo. É óbvio que um relacionamento de simpatia e atração facilita o trabalho, e que quando há antipatia e repulsa o trabalho tende a ficar prejudicado (MOSCOVICI, 2004, p. 36).

4. A DIMENSÃO SOCIOEMOCIONAL NA SALA DE AULA

Quando a emoafetividade se faz presente na sala de aula, nas relações entre o professor e seus alunos, os benefícios são logo sentidos. Caem os índices de evasão e repetência porque não existem carência afetiva, falta de estímulos e incentivos e de motivação para a aprendizagem.

O currículo escolar sempre priorizou o desenvolvimento cognitivo, sem levar em conta as emoções manifestadas na sala de aula. Os sentimentos humanos

nunca foram reconhecidos como fatores importantes na aprendizagem, ou seja, a educação foi negligente com a dimensão humana, nem valorizou a educação emocional.

Um documento digno de ser abordado neste trabalho trata-se do Relatório de Delors, publicado no Brasil em 1998, com o título: “Educação: Um Tesouro a Descobrir, Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. Neste documento encontram-se os quatro pilares da educação, além de apresentar propostas visando a melhoria das práticas pedagógicas dos educadores no cotidiano escolar.

Os quatro pilares da educação respaldam e sugerem práticas de educação emocional, pois evidencia forte preocupação com a produção do conhecimento: aprender a conhecer e o aprender a fazer e principalmente com a formação humana e a operacionalização destes pilares no que se refere a educação das emoções do sujeito nos pilares: aprender a ser e aprender a conviver.

Não é por acaso que no dia 22 de dezembro de 2017 foi publicada a Resolução CNE/CP nº 2, com o objetivo de instituir e orientar a implantação da Base Nacional Comum Curricular a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica.

A BNCC torna-se um guia relativo as aprendizagens dos educandos da educação básica em todo território nacional , passando a exigir e orientar a reformulação dos currículos que devem sinalizar os direitos de aprendizagem e habilidades, traz também um grande diferencial ao explicitar a necessidade de desenvolvimento das competências socioemocionais, objetivando assim uma educação emocional que sem dúvida trará inúmeros benefícios à vida dos educandos.

Nessa direção, pode se afirmar que a partir da BNCC a educação brasileira, ainda que tardiamente deu um salto significativo ao exigir que os currículos das escolas brasileiras trabalhem a educação socioemocional, na perspectiva de gerar entendimento sobre a maneira como os alunos devem lidar com questões de ordem emocional, afetiva, assim como autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidades de relacionamento, diálogo, empatia e tomada responsável de decisões. Sem dúvida isso só ocorrerá mediante um trabalho consistente das dimensões socioemocionais prevendo assim uma formação integral do educando.

5. INDISSOCIABILIDADE ENTRE ASPECTOS COGNITIVOS, EMOCIONAIS E AFETIVOS

Os dados desta pesquisa revelam a importância do afeto e das emoções nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e informam que a forma como o professor apresenta os conteúdos, interfere decisivamente, na aquisição do conhecimento. O processo de ensino-aprendizagem não deve envolver somente questões cognitivas, mas deve envolver também questões afetivas para que seu resultado seja promissor, daí a importância das competências socioemocionais pontuadas pela BNCC.

O bom convívio na escola é propiciado pelo estabelecimento de relações emoafetivas de bem-estar entre os alunos e os responsáveis pela educação, pois o ser humano possui dentro de si, um conjunto de emoções que ajudam na sua formação cognitiva. Por isso é preciso incentivar as relações de afetividade propiciadoras de bem-estar.

Um bom desenvolvimento cognitivo só será possível mediante a interação de afetividade (confiança, autoestima e entusiasmo) com o processo de ensino-aprendizagem. Quando isso não acontece, é quase certo que haverá problemas na aquisição dos conhecimentos como deficiências na aprendizagem, na habilidade de pensamento lógico e ocorrerá uma imaturidade intelectual.

No espaço da sala de aula o aluno vivencia experiências afetivas e emocionais que determinarão o sucesso ou não, de sua aprendizagem. É aí que o trabalho do professor ganha grande dimensão na sua relação com o aluno, porque as estratégias que ele usa para abordar os conteúdos escolares, as atividades propostas e a forma de avaliar, influenciarão de forma determinante a construção afetiva da relação professor-aluno.

Os teóricos consultados deixam entrever a indissociabilidade entre os aspectos cognitivos, emocionais e afetivos no processo de ensino-aprendizagem. Em virtude disso é que se defende a utilização de práticas pedagógicas baseadas na dimensão emocional porque o processo educacional é também um processo afetivo.

No espaço da sala de aula o aluno vivencia experiências afetivas que determinarão o sucesso ou não, de sua aprendizagem. É aí que o trabalho do professor ganha dimensão na sua relação com o aluno, porque as estratégias que ele usa para abordar os conteúdos escolares, as atividades que ele propõe e a

forma de avaliação, influenciarão decisivamente na construção da relação professor-aluno.

As leituras realizadas apontam que a mediação do professor respaldada na dimensão socioemocional, promove a construção de um conhecimento maior e acarreta profundas mudanças nos alunos, transformando-os de forma positiva, tornando-os mais abertos à assimilação dos conteúdos escolares. A formação integral dos alunos é resultante de uma relação que envolve conhecimentos e sentimentos.

As leituras sobre o tema evidenciam que a formação do aluno envolve tudo o que ele vivencia na sala de aula, e a maneira de interagir com o professor modificará a sua visão de mundo. Se essa interação ocorrer através de elos afetivos e emocionais, resultará em maior facilidade e maior interesse por parte do aluno, em aprender e assimilar novos conhecimentos.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Toda investigação científica se inicia com consultas bibliográficas do assunto a ser estudado. Para a elaboração de um estudo é necessário saber onde encontrar e como consultar recursos que subsidiem um embasamento teórico para a execução deste trabalho científico. Não se deve concluir nenhuma pesquisa sem a devida argumentação teórica de tudo o que for relatado. Uma ferramenta muito útil para a realização de um trabalho científico é a pesquisa bibliográfica. Por meio dela procura-se, com o auxílio de bases de dados, todo tipo de documento que melhor se adapte ao tema que se busca. Nesta direção

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002, p. 32).

Portanto, na execução deste trabalho foi utilizada uma pesquisa bibliográfica que serviu para fundamentá-lo, sendo pesquisadas fontes diversas. As bases de dados consultadas foram: Portal da CAPES, Scielo e Google Acadêmico, além de

sites de revistas científicas, artigos, livros, periódicos, usando as palavras-chave: afetividade, emoção e cognição, no período de março a outubro de 2020.

A condição básica para se realizar um trabalho científico profícuo é o conhecimento do que já foi feito sobre o assunto, sendo esta condição de domínio especial da bibliografia. Para Campana (1999), na formulação de um problema científico, é preciso considerar o acervo de dados, o embasamento teórico e as premissas e incógnitas e afirma que o acesso a esses conhecimentos é obtido mediante a revisão da literatura. Além de ser parte da investigação científica, a pesquisa bibliográfica é um importante instrumento na elaboração de um estudo de revisão bibliográfica, baseada em evidências.

É importante ressaltar que para nortear este estudo, procurou-se através da pesquisa bibliográfica refletir sobre a influência que a afetividade e as emoções exercem sobre o desenvolvimento da aprendizagem escolar e de como práticas pedagógicas embasadas no afeto acrescentam muito mais ao processo educacional.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O currículo escolar sempre priorizou o desenvolvimento cognitivo, sem levar em conta o papel do afeto e das emoções manifestadas na sala de aula. Os sentimentos humanos nunca foram reconhecidos como fatores importantes na aprendizagem, ou seja, a educação sempre priorizou o a dimensão intelectual em detrimento da dimensão emocional, embora a BNCC chegue agora, ainda que tardiamente reconhecendo a importância das competências socioemocionais.

Os dados desta pesquisa revelam a importância do afeto e das emoções nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e informam que a forma como o professor apresenta os conteúdos, interfere decisivamente, na aquisição do conhecimento. O processo de ensino-aprendizagem não deve envolver somente questões cognitivas, mas deve envolver também questões afetivas e emocionais para que seu resultado seja promissor.

No âmbito escolar deve haver relações emoafetivas para construir um ser humano psicologicamente e emocionalmente saudável e equilibrado. O aluno, ao se sentir bem cuidado, se sentirá importante e passará a produzir mais e o professor deve ter em mente que sua missão é construir um ser humano na sua integralidade como defende a BNCC e não apenas focar na dimensão intelectual. A partir dessa

premissa deve procurar mudar suas práticas pedagógicas, embasando-as na afetividade e na emoção do indivíduo.

As leituras realizadas conduzem a uma reflexão, que é reconhecer a importância da emoafetividade, ou seja, educação socioemocional no processo de ensino-aprendizagem e considerar que o aluno é um ser cheio de sentimentos que precisam aflorar junto com a cognição. Esses passos são fundamentais para a formação de um cidadão e para a efetivação da cidadania de cada aluno.

Comprovou-se que as relações mediadas pelo professor na sala de aula durante suas práticas pedagógicas, devem ser baseadas em sentimentos de simpatia, carinho, respeito, firmeza e reconhecimento, além de que o docente deve aceitar e valorizar cada aluno como um ser único. Agindo assim, o professor terá fortalecido a confiança mútua no espaço educativo.

Um bom desenvolvimento cognitivo só será possível mediante a interação das dimensões socioemocionais (confiança, autoestima, motivação e entusiasmo) com o processo de ensino-aprendizagem. Quando isso não acontece, é quase certo que haverá problemas na aquisição dos conhecimentos como deficiências na aprendizagem, na habilidade de pensamento lógico e ocorrerá uma imaturidade intelectual, social e emocional.

Estudos mostram que sintomas deste tipo, muitas vezes são provocados por ambientes com regras rígidas e inflexíveis, desvalorização do ser, falta de limites, descontrole emocional do contexto familiar, instruções insuficientes ou mesmo por conviver em um meio desfavorável ao desenvolvimento da aprendizagem.

O que se quer demonstrar neste artigo é que com a manifestação de afetos no processo educativo, o professor poderá ter bons resultados no seu ensino e o aluno poderá desenvolver melhor a sua aprendizagem. As contribuições que se espera é no sentido de "abrir os olhos" de todos os envolvidos na educação, principalmente os docentes, sobre impacto que a educação socioemocional pode trazer para o processo de ensino e de aprendizagem.

Sugere-se que sejam realizados mais estudos sobre a importância de práticas pedagógicas associadas ao afeto e as emoções, com o intuito de se esclarecer aos profissionais de educação que afeto nunca é demais e que sua utilização na sala de aula só trará benefícios, tanto para o professor como para o aluno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

ANTUNES, C. **A inteligência emocional na construção do novo eu**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 17-18-26.

ARANTES, V. A. **A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores**. São Paulo: Summus, 2000, p. 44-32.

_____. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> > Acesso em: out. 2020.

BERGAMINI, C. W. **Motivação**. São Paulo: Atlas, 1990.

BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. **Neurociências: desvendando o sistema nervoso**. Porto Alegre: Artmed, 2002

BRANDÃO, Marcus Lira. **As bases biológicas do comportamento: introdução à neurociência**. São Paulo: EPU, 2004.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva. 2002

BRANDEN, N. **Autoestima e seus pilares**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2000, pp. 17-22-28. Disponível em < www.unifor.br/notitia/file/1515.pdf > Acesso em 04 jun 2008.

CAMPANA, A.O. (org.) **Investigação Científica na Área médica**. São Paulo: Ed Manole, 1999.

CAMMAROTA, Martín; BEVILAQUA, Lia R. M.; IZQUIERDO, Iván. **Aprendizado e memória**. In: LENT, Roberto (Coord.). **Neurociência da mente e do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 241-252

CHALITA, G. **Pedagogia do Amor: a contribuição de histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. São Paulo: Editora Gente, 2003, pp. 42-153.

_____. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004, p. 12-96-119-152-212-213.

CODO, W. & GAZZOTTI, A. A. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

_____. **Trabalho e afetividade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002, p. 16.

COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. Neurociência e educação: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. **Filhos brilhantes- alunos fascinantes**. Colina/SP: Editora Academia de Inteligência, 2006, p. 79-93.

DELORS, J. Educação – Um Tesouro a Descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.

Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/emocao>. Acesso em: 13 de out. 2020.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

GOLEMAN, D. **Inteligencia emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 18-20-21.

GOTTMAN, J. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**: como aplicar os conceitos revolucionários da inteligência emocional para uma compreensão da relação entre pais e filhos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 20 - 25.

JOSÉ, E. A; COELHO, M. T. **Problemas de aprendizagem**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002, pp. 18- 77.

LEITE, S. A.; TASSONI, E.C.M. **A afetividade em sala de aula**: as condições de Ensino e a mediação do professor. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002, p. 13.

MAGALHÃES, S. S. **Afetividade**: sua importância para o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem. Lauro de Freitas/BA: Bureau Gráfica Editora, 2005, pp. 14-20-21.

MARTINELLI, S. C. **Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

MESQUITA, M. F. N. **Valores humanos na educação**: uma nova prática na sala de aula. 2. ed. São Paulo: Editora Gente, 2003, pp. 16- 22.

MORENO, M. **Falemos de sentimentos**. São Paulo: Moderna, 1999.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 10. e2d. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, pp. 65-99.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 36.

PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961, p. 10.

PINTO, F. E. M. **Por detrás dos seus olhos**: a afetividade na organização do raciocínio humano. Campinas: Unicamp/Faculdade de Educação, 2004, p. 43-51-104-109.

_____. O “mundo do coração”: os (novos) rumos de estudo da afetividade na psicologia. **Revista ciências humanas**, v.10, n. 2, p. 111-114, 2003.

RATEY, John J. O cérebro: um guia para o usuário. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

RUIZ, J. Á. **Metodologia científica** – guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1996.

SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TEIXEIRA, A. **Educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional – MEC, 1976.

TIBA, I. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002, pp. 18-28.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Criança**. Lisboa: Universidade, 1979.

VYGOTSKY, L S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 28.